

Espiritualidade

De A a Z



CAPÍTULO 1 - Os primórdios do pensamento humano

“Na planta, a inteligência dormita; no animal, sonha; só no homem acorda, conhece-se, possui-se e torna-se consciente.”

A frase de Léon Denis (*1) já foi reproduzida de diversas formas, algumas alterando substancialmente o conteúdo. Ninguém é dono da verdade, mas Léon tinha a autoridade de um enviado.



Não parece mesmo razoável que a alma durma nas pedras (seres inorgânicos), por razões óbvias. Desprovidos de vitalidade, os minerais não estão sujeitos ao “nascer, crescer e morrer”, ciclo indispensável no processo evolutivo espiritual.

*1 - Léon Denis foi um pensador espírita, médium e um dos principais continuadores do espiritismo após a morte de Allan Kardec. Ele é reconhecido como tendo uma missão tão grandiosa quanto a de Kardec. Foi presidente da União Espírita Francesa, membro honorário da Federação Espírita Internacional e, após a desencarnação de Kardec, ele forneceu toda sustentação necessária a fim de que a doutrina se firmasse.

A frase atribuída a Leon Denis já foi escrita da seguinte forma: "A alma dorme na pedra, sonha no vegetal, agita-se no animal e acorda no homem".

Pesquisando melhor, foi possível descobrir a frase original: “Na planta, a inteligência dormita; no animal, sonha; só no homem acorda, conhece-se, possui-se e torna-se consciente.” Essa diferença, no entendimento de alguns autores (Euripeds Kuhl no livro Os animais nossos irmãos), é apenas uma expressão poética e que ajuda, didaticamente, no raciocínio para começarmos a entender o processo de evolução.

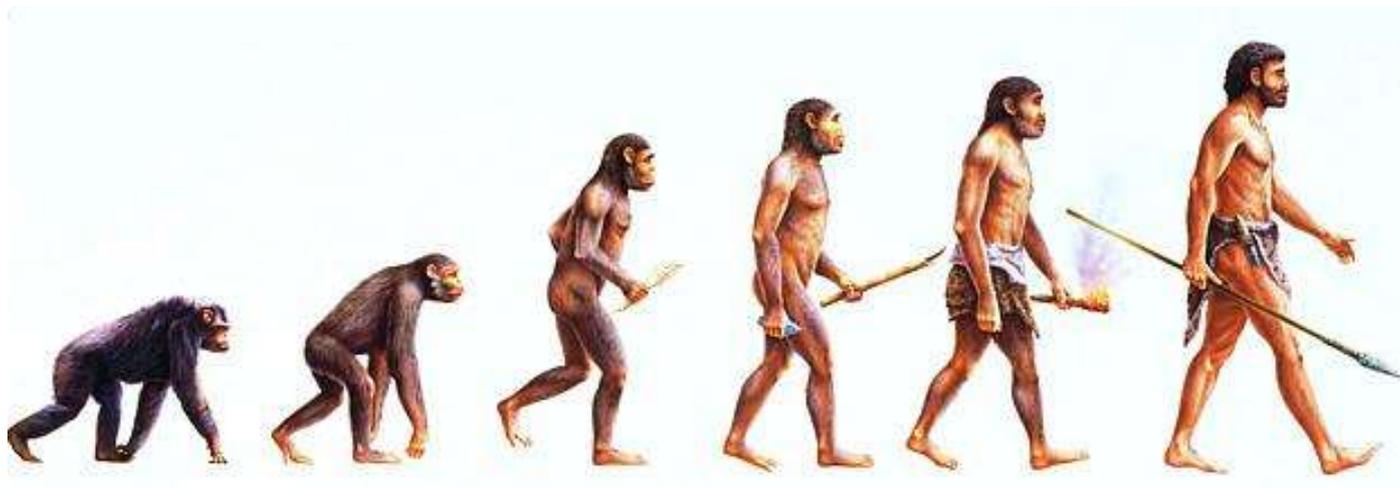
A frase original tem mais sentido e, em nosso entendimento, expressa a verdade, embora seja simples demais pra expressar tanta complexidade. E se o foco aqui é o estudo da espiritualidade dos animais, sonhar nos parece pouco demais para mansões tão variadas e complexas.

Precisamos aqui de uma pequena pausa para conhecer um pouco do pensamento humano sobre o assunto.

As civilizações mais antigas não aceitavam o conceito de evolução, nem física e nem espiritual. Deus havia criado tudo perfeito e tudo permaneceria exatamente igual, por toda a eternidade.

A teoria da involução chegou a ser defendida e aceita (E ainda é) por muitas crenças. A alma poderia se perder, se quebrar e retroceder, de forma que um homem poderia renascer como um animal, como um castigo por seus malfeitos. É o chamado “Princípio da degradação da alma.”

O conceito de evolução somente ganhou espaço no pensamento humano a partir do Século XIX (1859). Darwin foi o precursor, com sua teoria da evolução das espécies, que evidentemente focava na evolução física.



Nesta mesma época, Kardec trazia dos planos espirituais novas informações sobre a evolução das almas, uma teoria inovadora para aqueles tempos.

Na segunda metade do século XIX, o conceito de evolução (física e espiritual) ganhou força e passou a ser aceito.

O Livro dos espíritos informa que: “Deus criou todos os espíritos simples e ignorantes. São os próprios Espíritos que se melhoram e, melhorando-se, passam de uma ordem inferior para outra mais elevada.”

A teoria da não retrogradação do espírito foi defendida por Kardec, em um artigo escrito em 1863. Dois anos depois, novo artigo ensinava que os espíritos não poderiam retroceder, mas poderiam evoluir através dos reinos, teoria esta que viria a inspirar Léon Denis.



A evolução da alma e da consciência vem lá dos organismos vitais mais rudimentares, iniciando sua jornada no reino vegetal, seguindo-se pelos vários estágios dentro do reino animal, até chegar a se tornar uma alma humana, que não seria o destino final.

Segundo Kardec, podemos classificar os seres orgânicos em homens, animais e plantas. Quando, no livro A Gênese, ele estuda o Instinto e a Inteligência (Capítulo III), faz diversas considerações.

Lá ele diz:

“O instinto é a força oculta que solicita os seres orgânicos a atos espontâneos e involuntários, tendo em vista a conservação deles. Nos atos instintivos não há reflexão, nem combinação, nem premeditação. É assim que a planta procura o ar, se volta para a luz, dirige suas raízes para a água e para a terra nutriente; que a flor se abre e fecha alternadamente, conforme se lhe faz necessário; que as plantas trepadeiras se enroscam em torno daquilo que lhes serve de apoio, ou se lhe agarram com as gavinhas.

É pelo instinto que os animais são avisados do que lhes convém ou prejudica; que buscam, conforme a estação, os climas propícios; que constroem, sem ensino prévio, com mais ou menos arte, segundo as espécies, leitos macios e abrigos para as suas progênes, armadilhas para apanhar a presa de que se nutrem; que manejam destramente as armas ofensivas e defensivas de que são providos; que os sexos se aproximam; que a mãe choca os filhos e que estes procuram o seio materno.

No homem, só em começo da vida o instinto domina com exclusividade; é por instinto que a criança faz os primeiros movimentos, que toma o alimento, que grita para exprimir as suas necessidades, que imita o som da voz, que tenta falar e andar. No próprio adulto, certos atos são instintivos, tais como os movimentos espontâneos para evitar um risco, para fugir a um perigo, para manter o equilíbrio do corpo; tais ainda o piscar das pálpebras para moderar o brilho da luz, o abrir maquinal da boca para respirar etc.” (KARDEC, 2007b, p. 89.)

A explicação à pergunta 75 do Livro dos Espíritos elucida ainda mais o tema: “o instinto existe sempre, mas o homem o despreza. O instinto não raciocina; a razão permite a escolha e dá ao homem o livre arbítrio.”

Vale dizer que o instinto é uma inteligência rudimentar, cujas manifestações são espontâneas e automáticas. Já a inteligência proporciona o raciocínio, o pensamento linear que distingue o homem do animal.

Isso parece pouco, mas é um salto evolutivo gigantesco, que nos mostra que entre os mais evoluídos espíritos caninos e o homem, há um elo perdido, que entidades que hoje atuam no planeta chamam de “A terra dos cachorros que falam” (*2). E tal mundo é apenas um deles, pois “há muitas moradas na casa do Pai”.

O salto evolucionário é tão grande que sequer podemos falar em “elo perdido”. São muitos elos.

A expressão “Ele perdido” deu nome a um seriado de TV, exibido na oitava década do século passado. (*3)



*2 – A terra dos cachorros que falam.

Jesus disse: “na casa de meu Pai há muitas moradas” ao confortar seus discípulos que estavam perturbados com a ideia de sua partida iminente.

O trecho bíblico é cristalino e de fácil compreensão. E é tão universal que pode ser encontrado e entendido na Umbanda, nos mantras do hinduísmo, na prática do budismo, no kardecismo, na ufologia e em inúmeras outras práticas e teorias esotéricas.

E foi observando os mais avançados estágios evolutivos dentro da vida animal que chegamos a alguns cães que, de fato, nos parece que “só faltam falar”. Contudo, o salto evolucionário entre os mais evoluídos cães e os homens é tão grande que nos leva à conclusão de que há um ou vários elos nessa corrente evolutiva. Chamamos de elos “perdidos”, porque não vivem ao alcance de nossos olhos.

E se há tantas moradas na casa do Pai, nos parece uma conclusão lógica a existência desses elos, ainda “perdidos”, mas que possibilitam às almas caninas mais evoluídas avançarem, com corpos que lhes permitam desenvolver o pensamento linear mais complexo e, por consequência, uma melhor e mais eficiente forma de comunicação e linguagem.

Daí a expressão “A terra dos cachorros que falam”. Essa expressão nos chegou pela primeira vez em um manuscrito de 2004, em uma história sobre vida intraterrena que nos foi entregue por um grande mestre, mas que nunca chegou a ser publicada. Não há, portanto, nada a respeito na literatura espírita oficial.

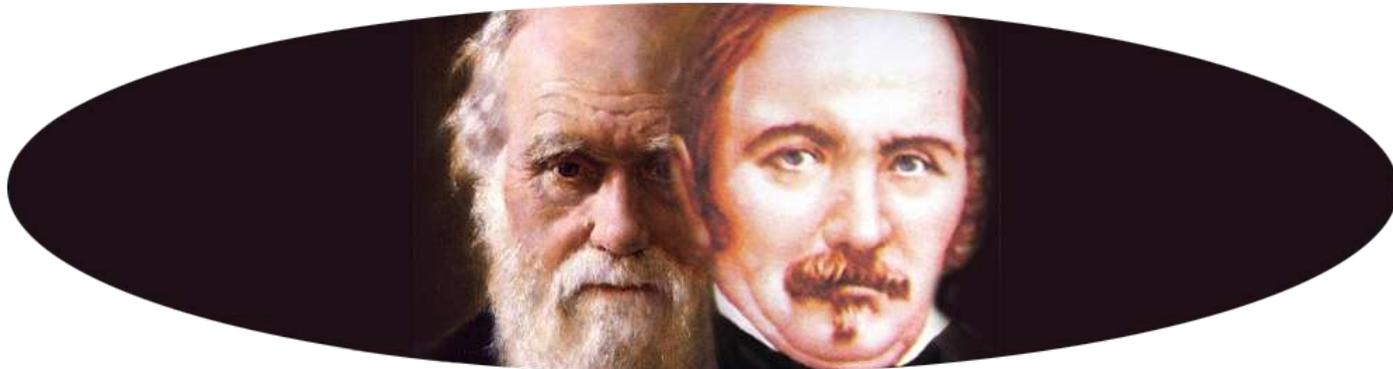
*3 - Durante uma viagem de rafting, a família Marshall cai sobre uma enorme cachoeira após um violento terremoto e se vê em um bizarro "mundo perdido" de criaturas pré-históricas. Chaka (figura acima) era o nome da personagem principal na série.

O Mentor Miramez, através do médium João Nunes Maia, em sua obra Filosofia Espírita (20 volumes), é transparente em suas explicações:

“A pluralidade das existências é um fato em todos os reinos onde palpita a vida. A mônada espiritual desperta e passa a recolher experiências em corpos variados.

As reencarnações são incontáveis, passando-se de mundo para mundo, a ascender ao infinito. O Espírito vai se despojando da animalidade e acordando para o Criador, com recursos valiosos capazes de lhe fazer sentir a felicidade.

Reencarnação é um processo de despertamento da alma. As vidas sucessivas são escolas em todos os reinos da natureza. É, pois, uma depuração constante em rumos variáveis.”



Voltando ao instinto, ele varia em suas manifestações, conforme as espécies e suas necessidades. Nos seres que têm a consciência e a percepção das coisas exteriores, ele se alia à inteligência, isto é, à vontade e à liberdade. (KARDEC, 2007a, p. 97.)

CAPÍTULO 2 – A espiritualidade das plantas

Onde há vida, há uma essência em evolução, e não seria diferente no reino vegetal. Assim como nos reinos superiores, entre as plantas também é possível perceber estágios. Com algum romantismo e exercício de imaginação, podemos notar diferentes momentos evolutivos dentro do reino vegetal.

Os poderes curativos, medicinais, nutritivos e até energéticos de uma planta podem ser mais que características ocasionais. Uma sabedoria antiga explica que aquela rama ou erva, geralmente com propriedades medicinais, que cresce em abundância em um terreiro ou região, ali está para atender necessidades dos habitantes locais.

A fragilidade de algumas plantas, que chegam a murchar diante de certas energias mais densas, pode ser interpretada como um início bem rudimentar de sensibilidade.

“A alma é eterna, a vida é uma escola e cada existência é um pequeno estágio.”

Frase atribuída ao filósofo dinamarquês Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855), contemporâneo de Allan Kardec, e que ficou conhecido na filosofia como o “pai do existencialismo”.

Quando falamos em seres em evolução, deparamo-nos com os mais diversificados estágios dessa evolução. A crença de que o vegetal é o primeiro estágio nos parece ser uma informação completa, precisa, suficiente. Nossa capacidade de entendimento não nos permite ainda perceber os diversos estágios presentes no reino vegetal. Ali, a evolução nos parece ser mais lenta, rudimentar.

Mas é exatamente por isso que esse entendimento é tão complexo. Uma árvore de grande porte pode viver por séculos, enquanto algumas ervas sazonais não duram mais que uma primavera.

Sementes que carregam o princípio vital são devoradas antes mesmo de germinarem.

A evolução espiritual das plantas pode ser estudada a partir de algumas obras, mas nenhuma delas profunda o bastante para nos trazer luz ao tema. Geralmente, o enfoque se baseia em poderes curativos e energéticos, não chegando a traçar paralelos com estágios evolutivos espirituais.

Na botânica, há uma classificação que divide as plantas em grupos conforme sua complexidade: briófitas, pteridófitas, gimnospermas ou angiospermas.



Briófitas são as plantas mais simples ou rudimentares, que se caracterizam pela ausência de vasos condutores de seiva. Pteridófitas já têm os vasos condutores de seiva, mas não produzem flores ou sementes. Gimnospermas produzem sementes simples, não revestidas. Por fim, as plantas mais complexas são as angiospermas, que são aquelas que produzem sementes revestidas e protegidas por frutos.

Pode se dizer que as angiospermas são as plantas mais avançadas evolutivamente falando (aqui falamos em evolução biológica). Possuem raiz, caule, folha, flor, semente e fruto. São estruturas complexas com diversos órgãos, de suporte, proteção e reprodução.

Teria o estágio evolutivo biológico relação com estágio evolutivo espiritual? Ainda não temos essa resposta.

Algumas plantas são sensíveis a energias, o que poderia ser interpretado como um início de percepção de algumas emoções. Há relatos de pessoas que conversam e transmitem afeto a suas plantas, e afirmam que elas respondem com saúde e vitalidade diferenciadas. E essa sensibilidade rudimentar não tem necessariamente relação com a evolução e classificação biológica citada acima. Há muito a ser estudado.



Estratégias evolutivas não são inteligência, nem mesmo rudimentar. Tampouco poderiam ser definidas como instinto, mas vale a reflexão. Os frutos têm como função proteger as sementes e, ao mesmo tempo, facilitar a sua dispersão, fornecendo-lhes, inclusive, em sua decomposição, os primeiros nutrientes para a germinação.

O falso fruto é ainda mais intrigante. Na botânica, os frutos assim classificados são aqueles em que outra parte da planta, como o receptáculo (estrutura situada na ponta do pedúnculo e que tem como função recepcionar o fruto), se desenvolve mais que o próprio fruto.



Um exemplo mais claro é o caju, em que a poupa é o receptáculo dilatado, enquanto o fruto é a casca dura que reveste a semente (castanha). Não há dúvida de que a função do receptáculo, no caju, vai muito além de “repcionar” o fruto. Ele atrai para si o interesse dos frutívoros, deixando intacto o fruto e a própria semente.

A relação entre características biológicas das plantas com estágios evolutivos espirituais é complexa demais para este momento e para o objetivo deste estudo.

Entretanto, podemos concluir que, na planta, a alma não apenas dormita. Há um caminho evolutivo percorrido dentro do reino vegetal, e que não é tão curto.

CAPÍTULO 3 – A espiritualidade nos animais inferiores

Partindo do pressuposto de que a alma evolui através dos reinos, avançaremos um pouco mais na evolução espiritual, até chegarmos aos animais.



E, chegando a eles, ao observarmos estágios evolutivos de diferentes animais, como insetos, crustáceos, anfíbios, peixes, reptéis, aves e mamíferos, notamos que há um caminho evolutivo que vai do coletivo para o individual.

A vida coletiva é facilmente observada nas colônias de cupins, formigas e abelhas, onde o individual não existe. Ali não há sequer instinto de autopreservação. Cada indivíduo age como parte de um todo. Só a colônia importa.

Uma abelha operária perde a vida ao picar um invasor. E dali, ela retorna instantaneamente à fecundação, pra se tornar ovo e renascer, crescer e seguir sua missão de proteger a colônia.



Vida e morte se misturam e os renascimentos são imediatos, instantâneos, como se aquele indivíduo deixasse no campo de batalhas seu suprimento e retornasse à base para se reabastecer e voltar à luta. Entre estas espécies de insetos, o “Somos todos um” faz todo o sentido.

Eles já nascem sabendo o que, a duras penas, temos tentado aprender.



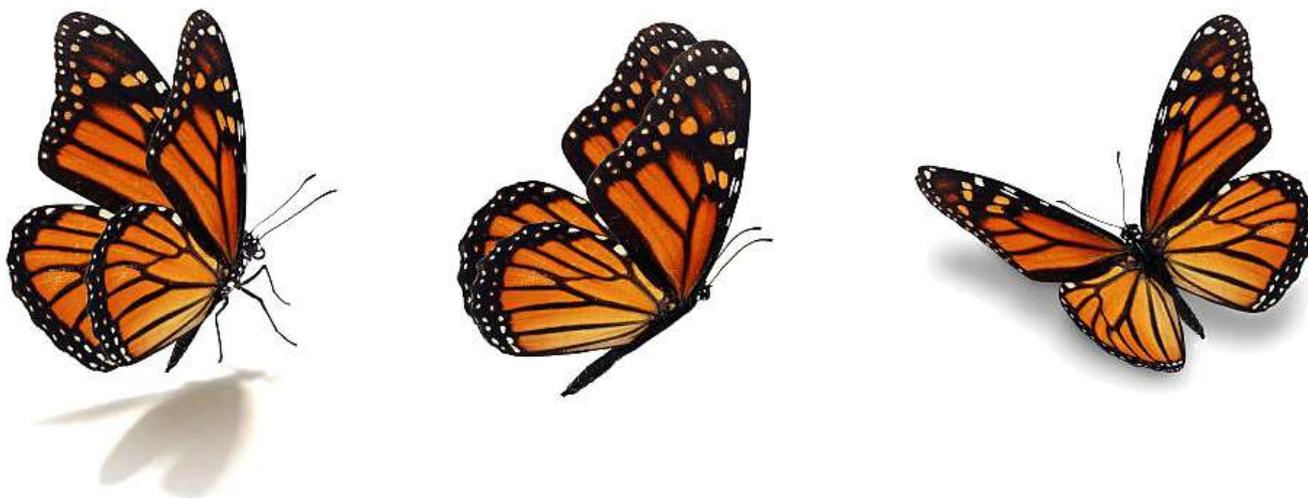
E não faz sentido falarmos de vida, morte, reencarnação e evolução em grupo sem mencionar a grande migração das borboletas monarcas.

De hábitos solitários, elas se reúnem para a grande migração, do Canadá ao México, fugindo do inverno rigoroso e buscando temperaturas mais amenas. Essa longa viagem de 5000 quilômetros dura de 5 a 6 meses, e considerando o retorno, outros 5 a 6 meses completam o ciclo, em uma jornada total de 10.000 quilômetros.

As borboletas viajam no máximo 50 quilômetros por dia, quando podem contar com correntes de ar e tempo favoráveis. Com uma conta rápida chegamos a 200 dias, sem contar o tempo de parada, descanso, acasalamento, alimentação, tempo desfavorável, corrente de ar contrária, etc. Enfim, quase um ano.

Seria então a Monarca a campeã de longevidade entre as borboletas? A resposta é não.

Seu ciclo de vida é de 4 semanas nas fases de ovo, lagarta e crisálida. Depois, mais 2 a 6 semanas como borboleta adulta. E neste ponto, a conta não fecha.



Embora haja uma diferença no tempo de vida de algumas borboletas (Aqueles que nascem entre final de agosto e início de outubro vivem até 9 meses), a grande jornada das Monarcas supera o tempo de vida do inseto. Um indivíduo que tenha iniciado a jornada jamais completará o ciclo. A viagem de ida e volta é realizada por até 4 gerações de borboletas.

Muito mais que um fenômeno natural impressionante, temos aqui um paralelo ímpar do que chamamos de caminho evolutivo, de vida, morte e renascimento. Literalmente, elas morrem e renascem para continuarem a mesma jornada.



O comportamento de grupo também é muito comum em crustáceos, anfíbios e até reptéis, porém, diferentemente das formigas e abelhas, a individualidade começa a se construir, na medida em que o instinto de autopreservação dá seus primeiros passos. Há um comportamento de grupo, mas cada indivíduo cuida de si.

Caminhando um pouco mais neste estudo da espiritualidade dos animais, encontraremos o comportamento de grupo em algumas espécies de peixes e até de aves, que vivem em grandes cardumes ou bandos, se protegendo e buscando a preservação da vida de forma coletiva.

Entretanto, aqui é possível notar um salto evolutivo espiritual que os distingue dos insetos antes citados. O instinto de autopreservação se faz presente. Não é somente o grupo que importa. Cada indivíduo se protege. O instinto de autopreservação está acentuado. Cada um cuida de si na tentativa de escapar dos predadores, na busca de parceiro e de alimento.



À medida que a vida evolui, espiritualmente falando, a individualidade se acentua. E isso se observa com as competições.

Quando indivíduos passam a competir, por parceiros, por alimento, por território, por hierarquia, temos uma acentuada individualização, muito embora ainda rudimentar nesses estágios. Os instintos ainda prevalecem com o objetivo de preservação da espécie, mas a autopreservação é evidente. Vale dizer que nessas etapas o ego deu os seus primeiros passos.

Embora haja muitos insetos de vida solitária, essa individualização deu seus primeiros passos nos anfíbios, evoluindo nos répteis e nas aves, até se consolidarem nos mamíferos.

Mamíferos vivem o ego de uma forma mais plena. São os animais com processo mental mais evoluído. Tomam decisões de forma mais elaborada, o que pode ser entendido como um livre arbítrio rudimentar.

O vínculo afetivo com os filhotes também foi um salto evolutivo. Enquanto a maioria dos répteis e anfíbios colocam seus ovos ou parem seus filhotes, deixando-os no mundo por sua conta e risco, nas aves, o instinto maternal, que já havia dado seus primeiros passos em algumas exceções às regras anteriores, se consolidou.

Em algumas poucas espécies de peixes, de répteis e até de anfíbios, essa preocupação com a prole também pode ser observada.

Já na maioria das aves, o que vemos são mães e pais dedicados, que trabalham juntos e dividem a tarefa de conduzir os filhotes até se tornarem independentes. Neste ponto, o amor dos pais pelos filhos deu os seus primeiros passos, o que pode ser considerado um salto evolutivo do ponto de vista espiritual.



Observando a natureza, notamos que, em muitas espécies, mães frágeis se transformam em leões para defender seus filhos, mas este afeto maternal não é incondicional.

Quando uma fêmea adulta percebe que não pode lutar e abdica da vida de seus filhos para preservar a própria vida, ela age instintivamente em prol da espécie, pois se mantendo saudável e íntegra, poderá gerar outros filhos. Se vier a se ferir, entretanto, nem a mãe e nem os filhos sobreviverão.



O sacrifício dos filhos pela própria mãe pode ser notado até mesmo nos mais evoluídos animais: os cães.

Não raras vezes, sobretudo ao observarmos animais resgatados em condições de extremo sofrimento e fragilidade, deparamo-nos com um comportamento que nos parece selvagem demais para animais que consideramos tão especiais.

Muitos são os relatos de cadelas que comem os próprios filhotes logo após o parto.

A explicação para tal comportamento está exatamente no instinto de preservação da espécie, citado acima. Esse fenômeno acontece quando a mãe está fraca demais e “sabe” que não conseguirá amamentar os filhotes e mantê-los vivos até o final da infância, ou quando percebe que os filhotes nasceram fracos demais e que não vão sobreviver.

Nesse caso, ela devora os próprios filhos, como uma espécie de eutanásia, antecipando um fim inevitável e também para repor parte dos nutrientes que perdeu com a gestação e o parto. Agindo assim, ela economiza tão essencial energia que gastaria com uma amamentação inútil. É uma ação desesperada para preservar a própria vida em benefício da espécie.

A diferença, entretanto, entre uma cadela e outras espécies de animais é que, nos cães, esse comportamento instintivo e natural ganha um peso diferente. O sofrimento da mãe é maior e pode se prolongar por dias, chegando a ser comparado a uma espécie de “depressão pós-parto”.



O infanticídio é definido pela legislação penal brasileira como o ato da mãe, de matar o próprio filho, durante ou logo após o parto, sob estado puerperal. O puerpério é um estado de alteração de consciência pelo qual passam algumas mulheres durante o parto. Na Lei, o ato é tipificado como crime e punido, embora com pena ligeiramente mais branda que a do homicídio.

Não há o que se comparar, pois no homem, esse estado de alteração da consciência não significa supressão total da consciência e da capacidade de decisão. O livre arbítrio permanece e por isso o ato é tratado na legislação como crime doloso contra a vida, embora atenuado.

O fato é que o amor de mãe nos animais não é incondicional, havendo dados que comprovam que o instinto de preservação da espécie ainda se sobrepõe.

CAPÍTULO 4 – Um passo à frente

Se cada espécie fornece ao espírito as experiências e vivências necessárias para aquele momento evolutivo, fica evidente que nenhum espírito assimilará os ensinamentos necessários sem um estágio de muitas passagens por uma mesma espécie. Comportamentos e experiências dentro de uma mesma espécie são padronizados e as diferentes possibilidades são uma demonstração de que cada estágio precisa ser exaustivamente experimentado.



Dentro de um bando de leões, há os machos dominantes, os reis depostos, as fêmeas alfas, os filhotes que sucumbem à troca da coroa, os adolescentes que deixam o bando de origem, os que têm vida curta e os que vivem muito. Se um espírito necessita experimentar na carne a vida de um leão, é evidente que ali ele precisará retornar muitas e muitas vezes, até assimilar o que a espécie tem a acrescentar em sua jornada evolutiva.

E daí começa a fazer sentido a expressão “alma grupo”, com a qual os apaixonados por animais jamais se conformaram.

Leões, tigres e jaguares são felinos, mas com características muito diferentes. Os primeiros são sociáveis e vivem em bandos, enquanto os demais têm hábitos solitários. Isso faz muita diferença em relação às experiências das almas que os habitam.

A alma grupo nunca significou ausência de individualidade, mas apenas um tratamento ou condução coletiva de espíritos em igual estágio evolutivo. Os renascimentos não podem ser aleatórios, mas precisam ser direcionados de acordo com a necessidade e o momento evolutivo de cada ser, ou de cada grupo.

Também não significa que cada animal tenha um destino preestabelecido. Não importa se um pequeno filhote recém-nascido em um bando de leões vai sucumbir às primeiras semanas ou se vai se tornar um rei respeitado e dominante. Se ele ali está, as sucessivas vidas como leão lhe permitirão experimentar todas as possibilidades que a espécie oferece. E assim, ele assimilará a evolução espiritual que aquela espécie pode lhe oferecer, até estar pronto para evoluir e passar a outra espécie mais avançada.

O que se conclui de tais observações é que, no reino animal, a alma percorre um longo caminho, da existência coletiva, para a individualização. É neste reino que a alma começa a vivenciar as emoções: medo, prazer, ciúmes, raiva, amor. O corpo emocional é desenvolvido durante o reino animal.

E assim entendemos que todas as almas que habitam corpos de uma determinada espécie estão em semelhante estágio evolutivo. Isso vale para leões, tigres, elefantes, zebras, cervos, corujas, cobras, formigas, etc.

Há um caminho evolutivo sempre à frente, de forma que um animal mais evoluído espiritualmente falando, não renascerá como outra espécie menos evoluída. Etapas vencidas são etapas passadas e não voltam mais.

Ensinaamentos apontam também que animais de hábitos coletivos estão um passo à frente na jornada evolutiva, em relação aos animais de vida solidária. É no coletivo que tem início o afeto, ainda bem primitivo. Estudos recentes já indicam uma superioridade intelectual das espécies de hábitos coletivos. A

Federação Nacional da Vida Selvagem (National Wildlife Federation), nos EUA, divulgou uma lista dos 6 animais mais inteligentes do mundo. O grupo conta com 4 mamíferos e 2 aves, mas todos de hábitos coletivos (Golfinhos, Chimpanzés e Orangotangos, Elefante, Papagaio, Corvos e Cães).



Cada espécie animal fornece, aos espíritos que ali foram escalados a viver, as experiências necessárias para aquele estágio. É aqui que são as almas agrupadas para que mentores possam redirecioná-las às mesmas espécies de que necessitam para cumprir a etapa em que se encontram. Esgotadas as experiências necessárias para cada indivíduo (etapa vencida), são elas então direcionadas a outras espécies, formando assim uma longa e complexa jornada evolutiva.

A palavra “mentores”, usada no parágrafo anterior, deixa evidente que esse retorno não é aleatório. Existem estágios diferentes para cada alma ou grupo de almas, e mentores que as conduzem às espécies certas, conforme a necessidade e o momento evolutivo daquele grupo.

A teoria da não retrogradação do espírito, defendida por Kardec pela primeira vez em 1863, também vale para os animais. Por isso os renascimentos são direcionados e conduzidos. Se existem muitos e variados estágios dentro do reino animal, não é possível que um animal que tenha ascendido à vida em uma espécie de mamífero de hábitos coletivos venha a desencarnar e retornar a uma espécie de réptil ou de inseto.



Seria então possível concluir que, dentre todos os animais, os mamíferos de hábitos coletivos estariam no mais alto posto evolutivo espiritual? Ainda não.

Diante da complexidade e da variedade de vidas, é evidente que o grupo dos mamíferos de hábitos coletivos tem também suas diferenças. Existem muitos animais que evoluíram como animais de grupo, mas por motivos diferentes. Há aqueles que se uniram para serem mais eficientes nas caçadas, para terem melhores chances de escaparem de predadores, na busca pelo alimento, no enfrentamento do frio e das condições climáticas e por aí vai. A vida em grupo tem várias vantagens.

Há, entretanto, alguns que, além de todos os benefícios óbvios da vida em família, foram também capazes de desenvolver o afeto de forma mais intensa. Lobos, elefantes, golfinhos, gorilas e chimpanzés também demonstram esse afeto familiar.

Estudos recentes apontam que gorilas fêmeas, ao escolherem seus parceiros, preferem aqueles machos que se dedicam aos filhotes.



Outro estudo que também aponta para a existência de afeto diferenciado nas relações familiares sugere que algumas espécies têm algum tipo de ritual para lidar com a morte. Não chegam a enterrar seus mortos, mas demonstram sentir, intensamente, quando perdem um ente querido. Observações já flagraram uma espécie de cortejo entre as baleias orcas e algumas outras espécies de golfinhos.

Entre elefantes, foi também possível observar um comportamento que se assemelharia a um velório, quando todo o bando se põe a contemplar o corpo sem vida de um dos seus, assim permanecendo por alguns minutos, até decidirem seguir seu caminho.

Além de todos estes detalhes, que apontam claramente para estágios espirituais bem evolutivos, há também a capacidade de comunicação.

A “Terra dos cachorros que falam” seria, em tese, um mundo distante, onde habita o elo perdido (ou um dos elos), um estágio espiritual entre o reino animal e o reino hominal. Afinal, o pensamento linear foi mesmo um grande salto.

Entretanto, seria a fala este divisor de águas? Será que neste planeta não há animais que se comunicam de forma tão complexa quanto a fala humana?



As baleias e os golfinhos têm audição bem desenvolvida e a capacidade de transmitir sons variados através das vocalizações. Esses sons são caracterizados por uma sequência de assobios, cliques e sons pulsantes em alta frequência. O que chama a atenção nesta observação é a capacidade que eles demonstram de

entender o que esses sons significam. Eles são capazes, literalmente, de se comunicar com muita eficiência.

Elefantes também se comunicam através de gestos e vocalizações, por vezes em escala tão baixa que o som é inaudível aos ouvidos humanos, mas eficiente o bastante pra eles.

Pesquisadores descobriram também que elefantes usam uma variedade de gestos e movimentos sutis para se comunicarem entre si. Já foram catalogados centenas de gestos e movimentos com a tromba e as orelhas, capazes de transmitir mensagens que são entendidas por todos os membros de uma família.

A capacidade de comunicação, de cooperação, de afeto, de união, e alguns sentimentos mais nobres colocam algumas espécies nos degraus mais altos de uma escala evolutiva.

Entretanto, dentre estes animais espiritualmente mais evoluídos, um em especial se destaca.



CAPÍTULO 5 – Animais amansados e domesticados / A crueldade dos cativeiros

Para entender as questões que serão postas nos capítulos seguintes, é necessário entender a diferença entre um animal amansado e um animal domesticado.

Um processo de domesticação leva milhares de anos. Um animal amansado não se confunde com um animal domesticado. Se um filhote de urso é criado por humanos, ele crescerá manso.

Porém, se este mesmo urso, amansado, vier a se acasalar, seus filhotes nascerão ariscos, como qualquer urso nascido em ambiente natural.

Já um animal doméstico nasce com comportamento afável, completamente adaptado à companhia dos humanos. Animais domésticos são, biologicamente, mais afáveis que seus parentes selvagens.

Um geneticista Russo chamado Dmitry K. Belyaev passou a vida estudando a domesticação animal. Visando comprovar suas teorias, decidiu fazer um experimento com raposas, manipulando os cruzamentos, de forma a repetir, em ambiente controlado, e em apenas algumas décadas, o processo multimilenar de seleção e evolução dos lobos, rumo à domesticação.



Na cidade de Novosibirsk, em plena Sibéria, funcionou por 40 anos (Não sabemos se ainda funciona) uma enorme fazenda de criação de raposas. Nessa fazenda, diferentemente das criações comerciais para fins de extração de pele, o que interessava para os cientistas era a domesticabilidade, a “afabilidade” das raposas.

O critério de seleção foi muito simples. Desde pequenas, os tratadores tentavam acariciá-las e interagir com elas. De acordo com a reação dos animais, eles eram divididos em três classes:

Raposas Classe III – Fogem do tratador ou tentam morder-lhe a mão quando tocadas.

Raposas Classe II – Permitem que sejam tocadas, porém não apresentam sinais emotivos à vista do tratador.

Raposas Classe I – São amigáveis, balançam a cauda e ganem quando o tratador está presente.

Somente depois da sexta geração de raposas, foi necessário criar uma quarta categoria, ainda mais restrita:

Raposas Classe IE, consideradas a “elite domesticada”: procuram ativamente atrair a atenção do tratador, lambendo-lhe as mãos e agindo em tudo como os cães.

Na décima geração, 18% dos filhotes pertenciam à Classe IE. Na vigésima geração, a cifra subiu para 35%. Por fim, 40 anos e 45.000 raposas depois de Belyaev ter começado seus trabalhos, 70 a 80% das raposas eram classificadas na Classe IE.

Juntamente com essas alterações drásticas de comportamento, os cientistas que continuaram os trabalhos de Belyaev foram notando o surgimento de várias características físicas típicas de animais domésticos: despigmentação de grandes áreas do corpo, caudas mais curtas e enroladas, e orelhas pendentes.

Esperava-se, ainda, a ocorrência de mudanças nos ciclos reprodutivos dos animais. Os animais selvagens têm ciclos reprodutivos anuais bem determinados e marcados por fatores ambientais, como, por exemplo, a duração do dia. Já os animais domésticos em geral são “desregulados”: podem se acasalar mais de uma vez por ano, e em qualquer estação, independentemente do ambiente. Entretanto, tal mudança foi a única característica que os domesticadores de raposas ainda não observaram nos seus animais.

Esta experiência, recriminável como qualquer experimento com animais, dá a real dimensão da agressão que representa o processo de captura e “domesticação” de um animal silvestre. Um animal silvestre, ainda que nascido em criatórios autorizados, não aceita com naturalidade o convívio com humanos, mas é “forçado” a isso, algumas vezes pela força, pelo medo, ou mesmo pelo condicionamento. No caso específico do experimento acima citado, há que se considerar que raposas são animais de hábitos solitários, o que torna ainda mais cruel a experiência a que se submeteram.

Frise-se. Se há estágios evolutivos espirituais diferentes e graduais nas diversas espécies animais, é possível então entender o tamanho da agressão que representa o encarceramento de um animal selvagem. A agressão vai muito além do sofrimento físico, mas aprisiona-se a alma, impedindo que ela cumpra a etapa evolutiva que lhe convém naquela vida.



Mais adiante, aprofundaremos no assunto e notaremos que a domesticação foi um salto evolutivo para as espécies domesticadas e para o próprio homem, mas essa informação precisa ser interpretada com cautela.

E que não sejamos egoístas ao ponto de acreditar que amansando um animal selvagem, estaremos permitindo ao seu espírito pular etapas e acelerar o processo evolutivo espiritual. Não temos esse direito, e nem contribuimos para sua evolução espiritual. Aquele ser não está ainda preparado para este momento de interação. Ele tem etapas a cumprir, antes de ser capaz de “amar ao próximo como a si mesmo”.

E a prova do tamanho da agressão que há no cativeiro de animais selvagens está no grande número de casos de ataques desses animais aos seus tratadores.

O urso usado nas cenas do filme “os aloprados”, durante uma filmagem, atacou violentamente o dublê que interagiu com ele na cena. Infelizmente, o ator não resistiu aos ferimentos.

Outro caso conhecido foi de uma baleia orca chamada Tilikum, que chegou a matar 3 pessoas, entre 1991 e 2010. O caso que mais repercutiu foi de 2010, quando a experiente treinadora, Dawn Brancheu, foi atacada e morta com ferocidade pela orça, durante uma apresentação.



Na Suécia, uma zeladora entrou na jaula de lobos selvagens. Ela os conhecia desde o nascimento e acreditava que tinha laços afetivos com os lobos. Foi ferozmente atacada e morta, sem que os outros funcionários do parque conseguissem intervir.

Inúmeros outros ataques de animais amansados já foram registrados pelo mundo.

Se os domadores de ursos, tigres e leões estão em declínio, em face da crescente conscientização das pessoas que já não mais aplaudem esses espetáculos, o mesmo não se pode dizer de outras práticas tão cruéis quanto.

Na Falcoaria, o primeiro passo do treinamento de uma ave de rapina é fazê-la se acostumar com a presença humana (amansar). E pra isso, ela é mantida amarrada, empoleirada nos braços do treinador, dentro de um quarto fechado, por até 15 dias seguidos, dia e noite, algumas vezes, com luzes artificiais, para que o animal não identifique dia e noite e permaneça acordado a maior parte do tempo.

Esse é o processo pelo qual o animal vai se “acostumar” à presença humana e associar a luva ao alimento. Chamam essa primeira etapa do treinamento de “amansar”, quando, na verdade, o animal é destruído e tem seus instintos contidos e extirpados. Ali ele perde suas referências e passa a depender de seu agressor.



Não há confiança e menos ainda afeto. Há condicionamento, imposto pelo sofrimento. Um animal nascido com asas, pra ganhar o céu, confinado a um poleiro nos braços de seu treinador. Não há pior forma de se escravizar um espírito que impedir que ele viva.

Essa face escura da falcoaria não é revelada àqueles que ainda aplaudem esses espetáculos.

Teríamos ainda um capítulo inteiro pra discorrer sobre rodeios e touradas.

Trataremos do tema mais adiante, quando falarmos do sadismo que impera nas almas recém-ascendidas à condição humana.

CAPÍTULO 6 – Um capítulo à parte

Discorrendo um pouco mais sobre mamíferos de hábitos coletivos com capacidade de amar e de se comunicar, chegamos aos lobos (Aqui falamos de lobos selvagens).



Assim como os leões, elefantes e golfinhos, lobos são animais selvagens, de vida coletiva, que experimentam, dentro da alcateia, diversas posições hierárquicas. Na pele de um lobo, uma alma viverá por muitas e muitas gerações, nascendo e renascendo na mesma espécie, até assimilar o que ali precisa aprender. Até aqui, nada diferente de um bando de leões, de javalis, de hienas ou de búfalos.

Entretanto, não obstante a individualidade, há um instinto de preservação da espécie que assume o controle e dita as regras.

Nos lobos (selvagens), há um avanço no tocante à afetividade. Enquanto ainda são filhotes, os lobinhos têm uma grande facilidade de estabelecer vínculos afetivos (Essa característica foi determinante no processo de domesticação) com outros membros da alcateia. Somente mais tarde haverá uma redução dessa capacidade e os lobos adultos se tornarão hostis com indivíduos estranhos. Evidentemente que essa hostilidade é instintiva para a preservação da própria alcateia.

Esse comportamento característico dos filhotes seria, em tese, os primeiros passos do “amai ao próximo como a ti mesmo”.



Aqui, o estudo da espiritualidade dos animais precisará abrir um espaço para discorrer especificamente sobre os lobos (Aqui falamos dos lobos domesticados).

Como falado anteriormente, todos os indivíduos que nascem e renascem dentro de uma determinada espécie estão no mesmo estágio evolutivo espiritual. Não há individualização das experiências. Não há um carma ou destino pré-estabelecido a ser cumprido.

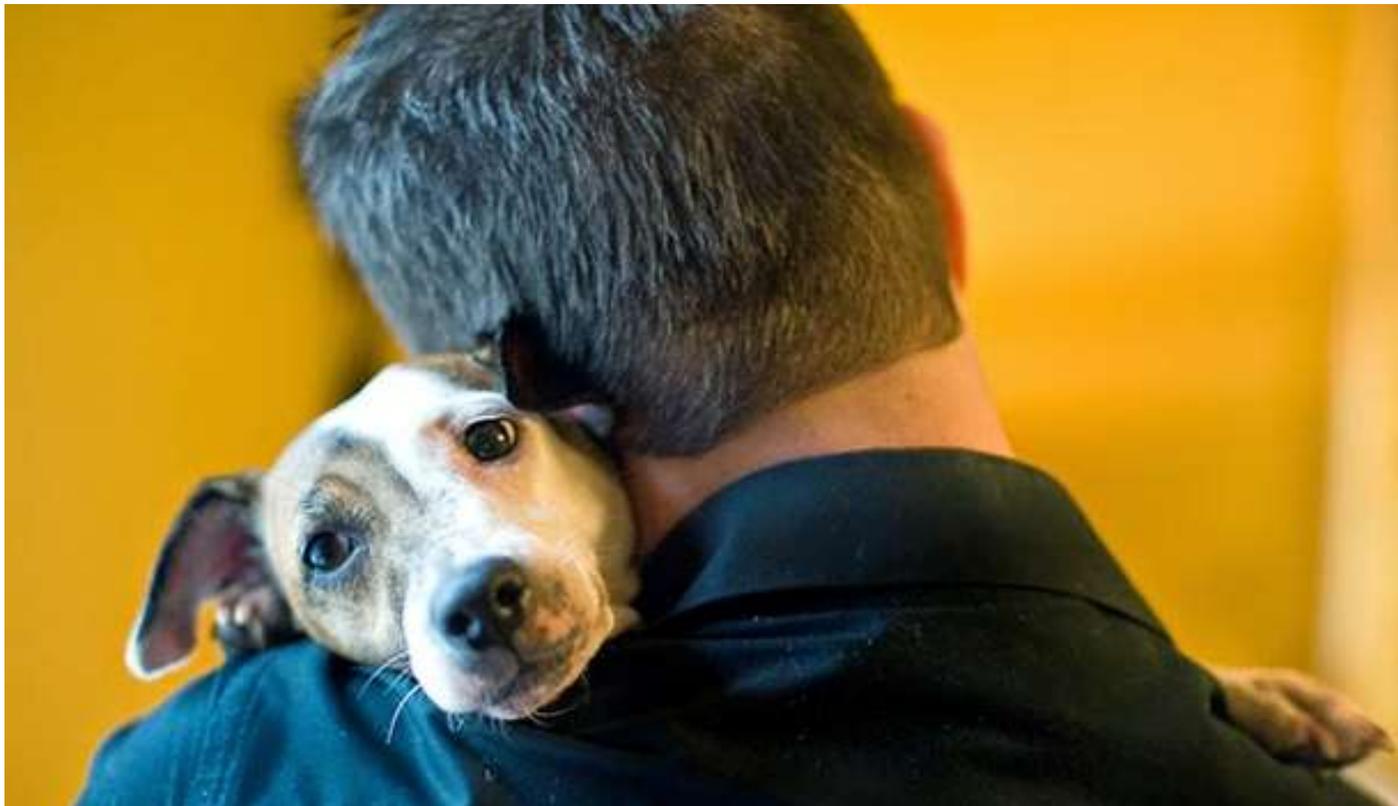
Entretanto, a mesma diversidade de estágios evolutivos, existente dentro das incontáveis espécies de animais, pode ser notada mais claramente dentro de uma única espécie animal: cães.

Talvez aqui caiba uma pequena adaptação à teoria de Léon Denis: No reino vegetal, a alma dormita. No animal, ela sonha; no cão, ela acorda e começa a despertar; só no homem desperta totalmente, conhece-se, possui-se e torna-se consciente.

O fato dos cães serem descendentes diretos dos lobos, e ao mesmo tempo tão distantes deles, nos mostra que a domesticação foi um salto evolucionário do ponto de vista espiritual.

Animais domésticos estão em estágio evolutivo espiritual bem mais adiantado que seus parentes selvagens.

Com a domesticação, surgiu o afeto incondicional, a capacidade de amar, além de outros sentimentos ainda não presentes nos animais selvagens.



Certa vez, um amigo perguntou a Chico Xavier qual era o animal mais evoluído espiritualmente. A resposta foi anotada e o texto é hoje amplamente divulgado em escritos espíritas:

“É o cão. O cão desperta muito amor e é modelo de fidelidade. As pessoas que amam e cultivam a convivência com os animais, especialmente os cães, se observarem com atenção, verificarão que os vários espécimes são portadores de qualidades que consideramos quase humanas, raiando pela prudência, paciência, disciplina, obediência, sensibilidade, inteligência, improvisação, espírito de serviço, vigilância e

sede de carinho, infundindo-nos a ideia de que, quanto mais perto se encontram das criaturas humanas, mais se lhes assemelham, preparando-se para o estágio mais próximo da hierarquia espiritual.”

Ainda discorrendo sobre animais, Chico ensinou o seguinte:

“Nossos benfeitores espirituais nos esclarecem que é preciso que todos nós consideremos que os animais diversos, a nos rodearem a existência de seres humanos em evolução no planeta Terra, são nossos irmãos menores, desenvolvendo em si mesmos o próprio princípio inteligente.

Se nós, seres humanos já alcançamos os domínios da inteligência desenvolvendo agora as potências intuitivas, eles, os animais, estão aperfeiçoando paulatinamente seus instintos na busca da inteligência da mesma maneira que nós humanos aspiramos alcançar algum dia a angelitude na Vida Maior, personificada em nosso mestre o Senhor Jesus, eles, os animais aspiram ser num futuro distante homens e mulheres inteligentes e livres. Assim sendo, nós podemos nos considerar como irmãos mais velhos e mais experimentados dos animais.”

Deus outorgou aos homens a condução e proteção de seus irmãos animais. Contudo, temos feito tudo errado. Somos os piores algozes dos animais. Não há maior sofrimento que aquele experimentado por um bovino a caminho do matadouro. Minutos antes do golpe fatal, alguns derramam lágrimas de angústia. Cães, que vieram ao mundo para amar, são treinados a matar, com rinhadas ou caçadas impiedosas movidas por prazer “esportivo”, desvirtuando almas que já estariam em estágio mais avançado.

Tudo isto se resume em graves responsabilidades para os seres humanos. A angústia, o medo e o ódio que provocamos nos animais lhes alteram o equilíbrio natural de seus princípios espirituais.

CAPÍTULO 7 – Tigres também têm vez em território de lobos

Convém aqui abrir um capítulo para discorrer sobre os gatos, em respeito aos gateiros.

Um estudo recente concluiu que os gatos domésticos são descendentes de uma espécie muito antiga (*Felis Silvestris Lybica*), surgida a partir do cruzamento natural de 5 espécies selvagens de felinos. O *Felis Silvestris Lybica* é o gato selvagem que mais se aproxima do que hoje conhecemos como “ferais”.



Até este ponto, o processo foi natural e sem nenhuma interferência humana.

Embora haja registros de gatos “amansados” em tempos mais remotos da humanidade, o processo de domesticação dos felinos teve início efetivo com o crescimento da agricultura e o cultivo de cereais, há 10 ou 12 mil anos.

Claro que a capacidade de adaptação dos felinos foi determinante neste processo de domesticação, mas pode se dizer que é uma amizade recente, embora tenha se iniciado de forma muito intensa. No Egito antigo, os gatos eram tão venerados que matar ou traficar um gato era crime punido com pena capital. Quando um gato morria de causas naturais, era mumificado e os donos usavam luto.

Entretanto, mesmo nos mais dóceis gatinhos domésticos, é possível notar características selvagens. Mesmo com comedouros abastecidos, eles continuarão a caçar, mantendo sua independência. Aliás, a

domesticação dos gatos teve início a partir da necessidade humana de controlar roedores nas plantações. Diferentemente dos cães, gatos não aceitam comandos, sendo fiéis aos seus instintos e vontades. Tudo isso é indicativo de que a domesticação dos gatos é bem mais recente do que a dos cães. Tudo aconteceu “logo ali”.

O fato é que gatos domesticados também estão um pouco adiante no processo evolutivo espiritual em relação a outros animais. A domesticação permite um salto evolucionário espiritual, por levar ao desenvolvimento do chacra cardíaco e à intensificação da capacidade de sentir afeto (de amar). Entretanto, o processo de domesticação dos cães teve início há mais tempo, havendo estimativas de até 100.000 anos ou mais, o que explica também a grande diferença física entre as várias raças conhecidas de cães, indo de minúsculos lobinhos de pouco mais de um quilo, a gigantes de mais de sessenta quilos.



No caso específico da domesticação, tanto de cães quanto de gatos, houve um salto evolucionário dos animais, com o surgimento do afeto entre espécies, levando à evolução do amor e do próprio chacra cardíaco, em todas as espécies envolvidas, inclusive e principalmente, no homem.



CAPÍTULO 8 – O último estágio da alma animal

Neste ponto, cães diferem, espiritualmente, de todas as outras espécies de animais. Atrevemo-nos a afirmar que eles ocupam um estágio evolutivo à frente. E essa conclusão não é especulativa, conforme já citamos em capítulo anterior, ensinamentos de nosso sempre mestre Chico Xavier.

Dentro da espécie canina, temos uma infinidade de estágios evolutivos. Se os cães da raça Malamute se assemelham mais aos lobos que aos próprios cães, os Poodles distanciaram-se tanto de seus antepassados que só faltam falar.

E quando estudamos a espiritualidade nos cães, o conceito de alma grupo começa a se dissipar. É aqui que os questionamentos da alma grupo ganham força e surge então o “Não é bem assim”.

Com a domesticação, os cães passaram a ter uma proximidade ímpar com os homens. Uma característica específica da espécie, que permitia aos filhotes criarem vínculos afetivos com indivíduos estranhos, permitiu que esse vínculo se estendesse a estranhos de outra espécie.



De uma relação de mutualismo facultativo, surgiram os primeiros traços de uma afetividade entre espécies, afeto este que cresceu e se desenvolveu, até se tornar a maior e mais intensa relação de afeto e amizade entre espécies, jamais vista em toda a existência deste Planeta.

O crescimento do afeto entre homens e cães tem relação direta com a evolução espiritual de que tratamos neste estudo. A evolução dos cães e o surgimento de raças diferentes resultaram em animais tão diferentes comportamental e fisicamente que a espécie passou a abrigar almas nos mais variados estágios evolutivos.



A regra de que todos os espíritos que habitam corpos de uma mesma espécie estão no mesmo estágio evolutivo tem a sua exceção (cães e gatos). Almas caninas são o último estágio evolutivo dentro do reino animal, e se diversificam em diversos e incontáveis estágios.

Entre os homens, temos tantos estágios evolutivos quantos são as almas humanas, indo daqueles que pregam e praticam a caridade e a empatia, até aqueles capazes de matar e ferir, sem qualquer sentimento de compaixão com o outro.

Entre as almas caninas, também temos variados estágios evolutivos, que vão dos cães quase selvagens, fazendo o que um dia chamamos de “o caminho inverso”, até aqueles que chegam ao final de um ciclo faltando apenas falar.

E essa diversificação de estágios evolutivos deve-se ao surgimento das variadas raças. Com tamanhos, cores, habilidades e características tão diferentes, surgiram os cães de companhia.



Essa evolução física retirou esses animais do relento e os trouxe para mais perto, pra dentro de nossas casas. Essa proximidade reforçou o vínculo afetivo, o que levou ao desenvolvimento do chacra cardíaco, nas duas espécies.

Por isso é que homens que fizeram a opção de viver em companhia de cães são diferenciados em termos de capacidade de amar.

Se é nas esferas mais evoluídas do reino animal que começa a desenvolver o corpo mental e a inteligência, nos cães, essa etapa foi além. É possível notar em alguns cães os primeiros passos para uma racionalidade e para o livre arbítrio, ou para o chamado “pensamento linear”.

É uma preparação para essa consciência, que em tese seria exclusivamente humana. A autoconsciência é uma característica humana, mas ela já se mostra presente em alguns cães, ainda que em esfera mais primitiva.

Inicia-se então, nesses animais mais evoluídos, o processo de humanização. É preciso esclarecer que o termo “humanização” usado neste ensaio tem outro significado. A “humanização” questionada por tantos especialistas é aquela em que cães são forçados a atividades humanas, a ponto de lhes levar a um comportamento não natural e até desconfortável ou prejudicial. Aqui, o termo “humanização” tem o sentido de ascensão espiritual.

Sim. Trazer nossos cães pra dentro de nossas casas e dividir com eles o sofá, a cama e até o coxo, é um processo natural, coerente com o momento espiritual em que eles e nós nos encontramos.



Se os cães evoluem mais rapidamente quando são amados, nós também evoluímos mais e melhor quando exercitamos nossa capacidade de amar e de cuidar. Almas humanas e caninas estão predestinadas e evoluírem juntas.

A alma humana é dotada de livre arbítrio, que se constrói a partir do “pensamento linear”. Essa pequena mudança representa um salto evolucionário gigante, tão grande que é impossível notar a transição.

Não obstante as almas caninas mais evoluídas estejam em um processo evolutivo de humanização, há um elo perdido (ou muitos elos), que se desenvolve em outros mundos. A um “outro mundo”, um dia chamaremos de “A terra dos cachorros que falam” (Como explicado em um dos capítulos anteriores), dentre muitas outras moradas.



Voltemos ao nosso mundo. Se entre os cães, temos animais tão evoluídos, com uma grande capacidade de amar, como é possível, entre humanos, supostamente mais evoluídos, encontrarmos seres tão primitivos e incapazes de sentir empatia ou compaixão?



Nos primeiros passos da alma em corpo humano, estamos ainda carregados de um conhecimento rudimentar a que chamamos de instinto. Sentimentos ainda primitivos estão impregnados nas almas recém-ascendidas. Estamos ainda movidos por desejos do ego, e usamos a inteligência mais avançada (que nos difere dos animais), para satisfazer tais desejos primitivos. Daí a explicação de tantas atrocidades. Daí a expressão: “Dar asas às cobras”.

Foi, literalmente, o que a Vida fez às almas que ascenderam ao reino hominal: Deu-lhes asas, antes que estivessem prontas para usá-las. E este nos parece o caminho natural. Para se aprender, é preciso experimentar, tentar, errar e acertar.

Com o despertar da consciência, entendemos que somos mais que animais levados pelo instinto e prazeres sensoriais.

E é aí que começamos a considerar outros valores como a elevação espiritual, e passamos a buscar por nossa essência, por propósitos espirituais mais elevados. O despertar da consciência acontece, de fato, quando deixamos de agir como animais.

Entretanto, grande parte da humanidade ainda se encontra adormecida, distante de sua essência, ainda presa ao medo e aos desejos do ego.



Nesse despertar, nessa ascensão do reino animal para hominal, foi dado ao homem ferramentas essenciais que o animal não tem. Falamos da autoconsciência e da capacidade de avaliar causas e consequências, de refletir sobre a Lei do Retorno, do conceito primitivo de céu e inferno, embutido pelas regiões que, em um passado remoto, necessitava desses métodos para frear o egoísmo humano.

Essa autoconsciência significa que nós existimos e sabemos que existimos. Isso parece pouco, mas é um enorme avanço, pois nos permite nos avaliar e buscarmos um crescimento, no sentido de nos tornarmos melhores. É o que nos permite questionar, quem sou eu, de onde eu vim e pra onde eu vou.

O homem, diferentemente do animal, é o único ser que tem ciência e consciência da própria morte.



E é o medo da morte e do que virá depois que nos leva a buscar uma ligação com a divindade. Nesta seara surgiram as religiões.

Voltando a falar das almas caninas, notamos nas diversas vidas existentes, estágios evolutivos diversos. Definitivamente, cães não são todos iguais. E, da mesma forma que mentores espirituais agem na condução das almas dos animais, para que reencarnem na espécie correspondente ao estágio em que se

encontram, dentro da espécie canina, é natural que as almas caninas sejam também direcionadas aos corpos que melhor permitirão a retomada do caminho evolutivo, do ponto em que pararam.

Se almas caninas têm tão diversificados estágios evolutivos, e animais não têm destino ou carmas a serem resgatados, como é feita essa condução no plano espiritual?



Neste aspecto, o surgimento e o desenvolvimento das mais variadas raças de cães começa a fazer sentido.

Se não cai uma folha da árvore sem que Deus queira, a despeito da necessidade de combater o preconceito e despertar e sensibilizar a compaixão e empatia, precisamos aqui entender que o desenvolvimento das diversas raças de cães não foi obra do Diabo.

A vida evolui no Planeta de acordo com a necessidade evolutiva das almas que aqui estão em evolução. Nem todas as criações humanas são malfeitos. Nossa inteligência e capacidade de raciocínio apenas conferem ferramentas para que a vida se desenvolva.



E aqui é preciso cuidado pra expor o que tentamos transmitir sem estimular o preconceito. O que esperamos é que aqueles que lerem esse ensaio tenham a capacidade de entender o que aqui é explicado, sem julgamentos de mais ou menos valia em relação a estágios evolutivos diferenciados. Nós somos os responsáveis pelos caminhos que oferecemos aos nossos irmãos.

A condução em grupo de almas caninas rumo aos novos nascimentos continua sendo necessária no plano espiritual. Não estamos falando de destinos. Não há destinos individualizados para todos, mas uma condução em grupo, de acordo com estágios evolutivos.

Se a proximidade e o afeto humanos são essenciais para a evolução espiritual dos cães, é natural que um espírito canino que tenha vivido intensamente essa relação de afeto e amizade, e que tenha atingido um elevado estágio evolutivo, retorne para seguir seu caminho evolutivo do ponto de onde parou. (Ver teoria da não retrogradação)

Se não há carmas ou destinos individuais previamente traçados, qual seria então a melhor forma de reconduzir essas almas? Qual corpo físico lhes serviria melhor?

Neste ponto é possível clarear as ideias e entender o sentido do desenvolvimento de tantas raças caninas.



Se uma alma canina viveu intensamente o afeto humano, se está em estágio avançado de evolução e necessita voltar para viver mais alguns ciclos essa relação intensa de afeto e amizade, qual seria, pra ela, o melhor corpo físico? Um Poodle ou um Pastor? Em qual deles aquela alma teria melhores chances de dividir o ninho com os donos e de criar uma relação mais intensa e próxima de afeto e amizade?

Claro que não há regras ou destinos, mas há probabilidades. E que fique também muito claro que esses diversificados estágios evolutivos dentro da espécie canina não têm qualquer relação com mais ou menos valia. Um cão não pode ser considerado melhor que o outro. Há estágios diferentes e estes estágios estão divididos nas diversas raças ou misturas de raças, de acordo com suas características, tamanhos e até cores. É necessário também explicar que essas regras não são rígidas, podendo haver outros caminhos, às vezes até conduzidos.

O que precisa ficar muito claro é que o compromisso evolutivo da espécie humana na condução de seus irmãos menores é enorme e deve estar acima de qualquer preconceito. Ainda temos muito a aprender e muito a evoluir.

E que tipo de evolução espiritual proporcionamos aos nossos irmãos menores? Como evoluem espiritualmente os animais de produção, que nascem, sofrem e morrem, sem experimentar a vida?



Que tipo de evolução proporcionamos aos cães que passam a vida em canis, em correntes, esquecidos ao relento, ou mantidos em laboratórios?



Se a proximidade e afetividade entre homens e cães levou ao desenvolvimento do chacra cardíaco nas duas espécies, podemos então avaliar o quanto de desperdício de oportunidade de evolução existe em um abrigo de animais, onde aqueles que poderiam contribuir para a humanização do próprio homem, ali estão esquecidos e rejeitados.



CAPÍTULO 9 – As reconduções individuais

Uma das principais diferenças entre as reencarnações de almas humanas e almas animais está nos carmas e nas experiências e reencontros que necessitam ser trabalhados nesse processo de crescimento.

Entre as almas humanas, nossos carmas nos direcionam, para vivermos determinadas experiências, para reafirmar ou recuperar relações, pra reencontrar antigos afetos ou desafetos, pra vencer esta ou aquela dificuldade. Enfim, temos carmas a cumprir e destinos previamente traçados.

Animais não têm livre arbítrio e nem carmas e, por óbvio, também não têm destinos certos. A condução em grupo continua sendo a regra, mesmo entre as almas caninas. Contudo, há exceções, tanto por merecimento dos tutores, quanto por necessidade dos próprios animais.



Quando um cão ainda em estágio inicial de evolução espiritual encontra em tutores humanos o acolhimento que lhe permite avançar, é possível uma recondução direcionada, de forma a viabilizar um reencontro capaz de trazer benefícios a todos os envolvidos. Não é a regra, mas é possível e mais frequente do que imaginamos.

A história da cachorrinha Boneca, de Chico Xavier, é bem conhecida. Embora Chico tivesse dado uma explicação diferente para aquela identidade de comportamento, ali havia um reencontro, que talvez não tenha sido revelado aos presentes por ser inoportuno naquela ocasião.



Ao longo de sua vida, Chico Xavier colecionou histórias com animais. Uma dessas histórias fala da vida de um cãozinho a quem Chico muito amou, chamado Dom Pedrito, que morreu atropelado e deixou Chico muito abatido por muito tempo.

Ele conta que, ao passar por uma rua, Emmanuel o alertou, pedindo-o que se atentasse para um cãozinho que os acompanhava, dizendo que era Dom Pedrito que, reencarnado, teria voltado para ele.

Muitas histórias de Chico Xavier com animais foram relatadas por Carlos Baccelli, amigo pessoal de Chico, no livro “Chico Xavier. O amigo dos animais”.

Outra história relatada por Baccelli foi do cãozinho Brinquinho, um peludinho preto e branco, a quem Chico muito amou. Tempos depois, outro cãozinho exatamente igual cruzou o caminho de Chico, e foi adotado por ele.

Ao relatar o caso a um amigo, Chico assim contou a história do Brinquinho:

“Pois olhe, Ranieri. O primeiro Brinquinho era igual a esse aí. Quando eu o vi, não me contive: Nossa! É o Brinquinho que reencarnou. Ele voltou! Tenho absoluta certeza de que é ele! Veio e ficou conosco...

Pois bem, assim que o vi, antes de pegar ele no colo, gritei: Brinquinho! Brinquinho! Entre aqui! Fazendo gesto com os dedos e batendo na tábua do caixote onde dormia o primeiro Brinquinho.

Ele imediatamente entrou no caixote, dando um pulo igualzinho fazia o outro, e tem as mesmas manias do outro! Até as pintas são as mesmas e nos mesmos lugares.”

Desses episódios, é possível extrair algumas conclusões. O tal filhote, retorno de Dom Pedrito, era um viralata de pelo curto, porte médio e que passaria despercebido. Estava na rua, abandonado, e ali acabaria por sucumbir. Entretanto, em sua vida anterior, ele foi o fiel e amado amigo de uma das almas mais caridosas que o mundo já viu. Havia avançado muito e necessitava da oportunidade de dar sequência àquele caminho evolutivo.

Que melhor oportunidade ele teria senão voltar aos mesmos braços que tantas vezes o abraçaram em sua última passagem?

Há casos, portanto, que destinos são traçados, senão no momento do nascimento, na condução posterior, para que caminhos se cruzem.



E não precisa ser um médium como Chico Xavier, com um amigo como Emmanuel ao lado para lhe mostrar o que os olhos não podem ver. Pessoas comuns já são capazes de reconhecer velhos amigos, às vezes, auxiliados por um sopro sutil, muitas vezes nomeado de intuição, impressão, sensação ou seja lá o nome que for.

A pergunta nº 598 do Livro dos Espíritos lança alguma luz neste assunto: A alma dos animais conserva após a morte sua individualidade e a consciência de si mesma? Resposta: Sua individualidade sim, mas não a consciência de si mesma. A vida inteligente permanece em estado latente.



O que aí focamos é a primeira parte da resposta: “Sua individualidade sim.” Se a evolução é um caminho e se o renascer é um retorno a este caminho, é esperado que a estrada já percorrida esteja ali, em estado latente. E evidente também que este inconsciente pode aflorar, o que significa que, em pequenos detalhes, será possível reconhecer traços de uma vida anterior.

Entretanto, essa condução direcionada não é a regra, e nem poderia ser. E o que fazer então para garantir que aquele nosso filho amado que partiu seja bem recebido quando voltar? Melhor ainda, como trazê-lo de volta para nossos braços e nossa proteção? A resposta nos parece óbvia: “Somos todos um”.

Em um texto que publicamos em nosso site, com o título “Testamento de um cachorro”, havia um recado que nos mostra o caminho:

“Quando eu voltar, não sei onde vou nascer, nem se cairei em boas mãos. Talvez venha a ser jogado nas ruas.

Peço-lhe que fique atento. Talvez eu seja aquele cachorro maltratado que você viu na esquina, ou aquele que foi atropelado e ninguém socorreu. Talvez seja recolhido pela carrocinha, talvez esteja trancado em um abrigo.

Mas saiba que onde eu estiver, estarei te esperando, na certeza de que você vai me encontrar.

Se a vida, no entanto, não permitir que nos reencontremos, faça algo por mim. Recolha um animal qualquer, dê a ele o mesmo carinho que você daria a mim, e espalhe essa ideia. Se todos fizerem o mesmo, não importa onde eu esteja, você saberá que estarei amparado e feliz.”



CAPÍTULO 10 – Uma história real

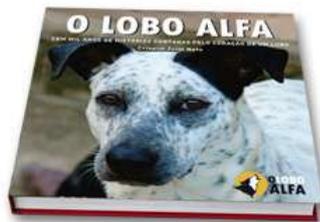
Para entender totalmente este capítulo, será necessário conhecer a história contada em nosso livro O Lobo Alfa, que está disponível para download gratuito.

Há algum tempo, perdemos a Pintada, que foi a loba que deu nome ao Projeto O Lobo Alfa. Ela foi o lobo alfa que, em primeira pessoa, “narrou” nosso e-book:

<http://oloboalfa.com.br/wp-content/uploads/2020/01/Ebook-O-Lobo-Alfa.pdf>

Faça aqui

Download
Gratuito



Ela já tinha idade avançada, havia passado e vencido dois tratamentos oncológicos, mas um terceiro câncer, com metástase de pulmão, veio fulminante, tirando dela a qualidade de vida.

Em seus últimos dias de vida, ela já não comia, ficava só deitada, com angústia respiratória. A orientação médica que recebemos foi: A sensação dela é de afogamento e o quadro vai piorar a cada dia. Não adie. Por ela, autorize a eutanásia.

Eu autorizei e acompanhei todo o procedimento, sentindo no abraço apertado as últimas batidas de seu coração. Foi a pior decisão que já tomei e a de que mais me arrependi.

Tempos depois, recebi uma mensagem:

**Meu amigo. Quanta saudade!
Sei que doeu aquela decisão. Não era pra ser.
Não merecíamos o que estava por vir, mas queria
que soubesse que eu aceitaria qualquer sofrimento
e toda a dor do mundo, pra ter mais tempo ao seu lado.
Eu já tinha vivido muito e, mesmo assim, tínhamos tantos planos.
Não se culpe e não pense que aquela decisão
fechou as portas para minha volta.
O mundo não gira ao seu redor e temos uma missão. Lembra?
Não é você que merece me receber. Sou eu que mereço voltar.
Fique alerta.
Não espere uma filhotinha de orelhas pretas batendo à sua porta.
Não serei tão óbvia. Dessa vez, eu quero nascer em seus braços.
Você terá que me reconhecer no olhar de minha mãe.
Estou voltando. Amo todos vocês. Até breve.**



É preciso explicar que, embora na primeira pessoa, essa mensagem não foi enviada pela Pintada, pois animais não se comunicam dessa forma. Não existe essa comunicação de cães desencarnados com seus ex-tutores.

É possível receber mensagens mediúnicas com notícias de nossos amigos desencarnados, mas jamais tais mensagens podem ser atribuídas aos próprios animais.

Entretanto, em todo lugar, inclusive nos planos espirituais, há quem seja a voz dos animais. E aqueles que um dia nos ensinaram que atribuir aos animais pensamentos e sentimentos humanos cria a empatia e leva as pessoas se colocarem no lugar deles, também podem usar as técnicas para nos manter nos trilhos e nos compromissos de tempos atrás.

A mim restava agradecer aos nossos mentores por tanta dedicação, por tão especial recondução e por me lembrar do que a rudeza da vida nos faz, às vezes, querer esquecer.

Os dias seguintes passaram com a certeza de que algo estava pra acontecer.

Seis meses depois da partida da Pinta, chegou às minhas mãos uma cadelinha prenha. Clara foi o nome que escolhi pra ela.



O ultrassom revelou o tempo de gestação, o provável dia do nascimento chegou, passou, mas a mãe estava fraca demais para o parto.



Precisei interna-la para que tivesse apoio veterinário no parto, sendo recomendada a cesariana.

Eu a entreguei nos braços dos médicos com uma recomendação: _Tem um tesouro aí dentro. Por favor, não podemos perder nenhum.

E ao mundo vieram 6 lobinhos, recebidos por uma mãe carinhosa e dedicada. Naquele momento, eu já sabia o presente que tinha acabado de ganhar.



Havia naquela ninhada uma filhotinha quase albina, com uma pequena pintinha preta na testa.

Shiva foi o nome escolhido para aquela pequena lobinha.



O tempo passou, os filhotes cresceram e os 5 irmãozinhos da Shiva foram adotados.



Clara, a mãe, tinha Leishmaniose em estado bem avançado e passou por um longo tratamento.



A decisão de adotar mãe e filha já tinha sido tomada antes mesmo que os filhotes nascessem, mas assim que os demais filhotes foram adotados, integramos de vez mãe e filha à nossa família.

Com o passar dos dias, outras pintinhas surgiram, o focinho despigmentado ganhou outras pintas que cresceram e se uniram.



Eu não imaginava que aquela mocinha quase albina ganharia muitas e muitas pintas por todo o corpo, como um dálmata. Coincidência? Claro que não.



As primeiras pintinhas surgiram no focinho, depois dentro da boquinha, até surgir a primeira pintinha preta na barriga, ainda bem discreta.



Com dois meses de vida, ela já tinha a barriguinha toda pintada e também as orelhas.



O focinho já estava quase todo pretinho, assim como a boquinha e uma sombra ao redor de um dos olhos.



As primeiras artes começaram antes mesmo de completar 2 meses.



Clara, a mãe, à medida que o tratamento avançava, mostrou-se uma filhote crescida, cheia de vida e de disposição. Ganhou peso, fechou as feridas e passou a participar ativamente da infância de Shiva, que teve o privilégio de poucos, de crescer com a mãe.



Não nasceu em meus braços, mas nas mãos dos médicos responsáveis pela cesariana. Chegou à nossa casa com menos de um dia de vida e abriu os olhos em meus braços. Então, detalhes à parte, a profecia se cumpriu.



Mãe e filha receberam os primeiros hóspedes quando Shiva tinha pouco mais de 2 meses. E tudo parecia bem, como antigamente. Pintada foi o Lobo Alfa do nosso livro, mas a verdade é que de alfa ela não tinha nada, pelo menos não no tempo em que o livro foi escrito.



Com três meses de idade, Shiva já tinha o corpo todo pintado.



Com 4 meses, ela já estava totalmente adaptada à rotina de nossa casa. Passava o dia correndo e brincando com a mãe pelo jardim.

Tinha espaço e tempo pra aproveitar a infância.



Shiva viria a ser exatamente como minha “intuição” me indicou: uma legítima SRD de porte médio.



Sua interação com Estopa e Hanna não me permitiu florear o reencontro. Afinal, Shiva acabara de nascer e Estopinha já passava dos 12 anos. Definitivamente, elas não tinham mais a mesma energia.

Sendo de porte médio e com energia de filhote, Shiva era estabanada demais para que Hanna e Estopa a aceitassem nas brincadeiras.



Ainda assim, conseguíamos registrar momentos de paz, tranquilidade e equilíbrio. Tínhamos uma nova matilha, tão equilibrada quanto antes.



Com 6 meses de vida, Shiva fazia de tudo pra brincar com nossas velhinhas, mas estas não tinham disposição pra tanta criancice. Ainda assim, Clara e Shiva foram integradas. Herdaram a casinha construída com carinho e que um dia foi da Pintada.

Até os 6 meses da Shiva, Hanna até ensaiou algumas brincadeiras.



A confiança da Shiva lhe deixava cada dia mais solta e agitada. A diferença de peso e tamanho tornariam as brincadeiras inconvenientes para as pequenas.



E mais inconvenientes ainda quando mãe e filha se uniam.



Restava à pequena filhote viver a infância da forma que fosse possível. Brincava com a mãe e, às vezes, até sozinha.



Billy e Bob foram os primeiros hóspedes. Algum tempo depois, foi a vez do Tigrão, que por aqui chegou e ficou menos de um dia. Esse tempo foi suficiente a nos mostrar que a vida voltava ao normal. Tínhamos, novamente, uma matilha equilibrada e preparada para receber temporariamente outros lobos.

Estopa e Hanna estavam sempre ali pra ensinar como receber novos amigos.



Com um ano de vida, Shiva se tornou uma legítima SRD de porte médio, pesando 15 quilos muito bem distribuídos. Tinha quase o tamanho de sua mãe.

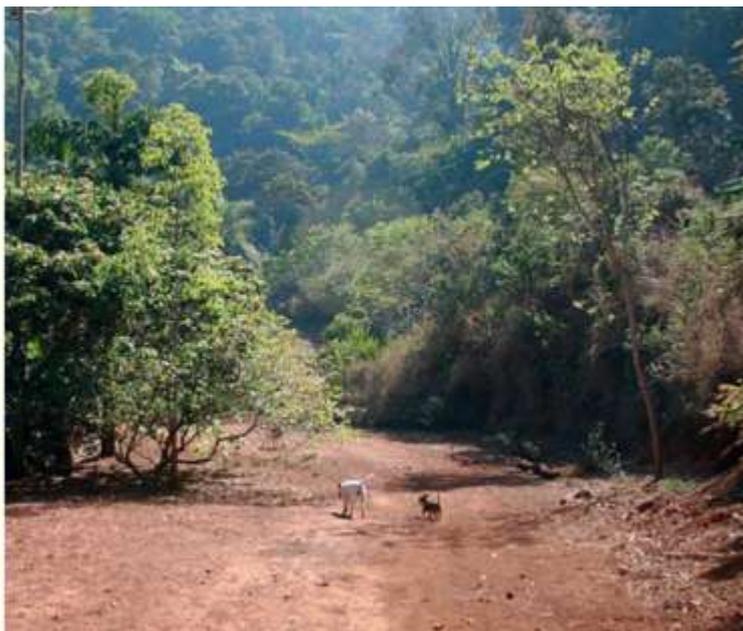


As duas juntas eram um espetáculo à parte.



Entretanto, nada me dava mais alegria que registrar momentos de Estopa e Shiva juntas.

Era impossível não me reportar a um tempo não muito distante, em que Pintada e Estopa dominavam um certo território que a Shiva ainda não teve a oportunidade de conhecer.



Em sua pelagem predominantemente branca, muitas e muitas pintas, inclusive um conjunto de pintas na lateral acima da coxa, o mesmo conjunto de pintas que a Pintada tinha, e que eu chamava de Mandala, como uma marca que me permitiria reconhecê-la entre incontáveis outros mestiços pintados.



Ver Shiva e Estopa juntas pra mim era uma visão do paraíso, embora longe do que existiu no passado.



No primeiro ano de vida da Shiva, enfrentamos uma longa batalha pela vida da Estopinha, que já velhinha, começava a apresentar muitos problemas, alguns decorrentes da idade, outros de fatalidades.

Primeiro foi um diagnóstico positivo para Leishmaniose, depois de 10 anos de vacinas regulares e rigorosamente pontuais. As vacinas permitiram que a doença chegasse branda e foi controlada.

Depois, um grave envenenamento causado pelo encontro acidental com um sapo. Mesmo chegando à clínica apenas 5 minutos depois da mordida, ela já chegou em convulsão. Foram dias internada, deixando a clínica sem sequelas.

Semanas mais tarde, uma gastroenterite hemorrágica quase lhe tirou a vida. Foram mais alguns dias em estado grave. A causa nunca soubemos ao certo, mas temos a desconfiança de que ela encontrou algum lagarto no jardim.

Um cálculo renal obstruindo a uretra foi outro evento que impôs a ela 6 ou 7 horas de cirurgia, distribuídas em 2 dias seguidos, que resultou ao final na perda de um rim.

Com tantos problemas e com idade estimada de 13 ou 14 anos, ela não tinha mais a energia que lhe permitisse corresponder às expectativas da Shiva.

Ainda assim, vê-las juntas caminhando pelo gramado trazia à tona um sentimento de saudade, de gratidão, de tristeza e alegria ao mesmo tempo.

Nossas expedições não serão mais como antes, embora agora tenhamos um jardim que nos permite acampar, mesmo que seja no chão de um escritório com portas abertas para o gramado.



Não temos tantas fotos quanto antes, pois não temos a intenção de contar uma segunda parte da história de um certo Lobo Alfa. Preferimos viver esse presente da vida, sem grandes pretensões ou preocupações. Se Pinta teve uma missão, Shiva vai aproveitar este novo ciclo pra viver, intensamente, e amar, amar e amar.

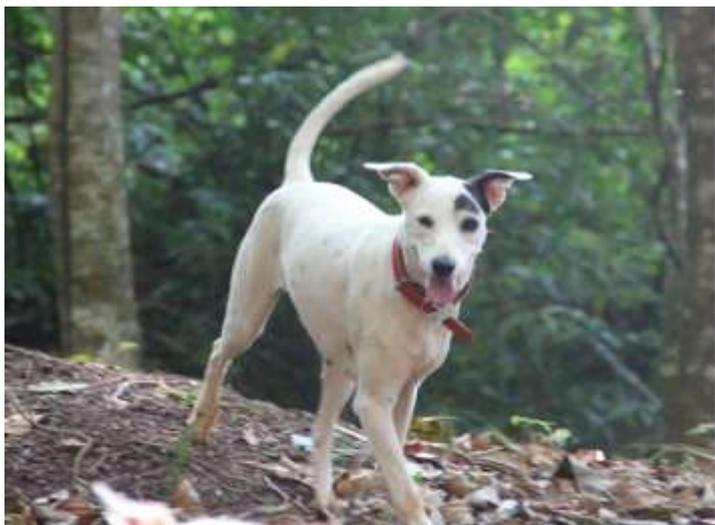
As expedições no santuário continuarão, com maior intensidade do que antes. Clara e Shiva já reconhecem o território, e tenho cá minhas desconfianças de que Clara também já caminhou por essas matas.



A vida parece estar mais leve, e, em que pese o ceticismo de muitos, o mundo está mudando. Chegará um dia em que todos os homens serão protetores de animais.

E essa transformação passa pelo despertar de cada um. A ascensão é um caminho sem volta, que a cada dia arrebanha mais e mais almas humanas. Somos hoje melhores do que fomos ontem, e amanhã o mal será uma remota e triste lembrança.

Se a escravidão (humana) e os holocaustos nos envergonham, ainda vamos nos envergonhar do que impusemos a irmãos tão especiais e carentes de nossa proteção.



Shiva segue a vida, com a inocência de quem acabou de chegar por aqui, sem lembranças, sem passado.



A vida nos trará novos hóspedes, que ela aprenderá a amar.

E que eu tenha a capacidade de conduzi-la, estreitando laços e ensinando-a a amar, intensamente.

Sei que ela está ainda no início de uma linda jornada, mas o que mais quero é que ela viva muitos anos e que chegue ao final “quase falando”.

CAPÍTULO 11 - Os primórdios do reino hominal

A história da evolução espiritual humana tem vários capítulos.

Não sabemos muito sobre os Elos Perdidos, sendo um deles um mundo distante e que conhecemos como “A terra dos cachorros que falam”. Presume-se que, nestes estágios de experimentação, a alma estivesse aprendendo a lidar com o livre arbítrio, talvez dando os primeiros passos rumo ao “Amai ao próximo como a ti mesmo”.

Entretanto, não é o que a história da humanidade revela. A selvageria dos homens é tamanha que parece termos saltado de corpos de hienas diretamente para a vida humana.

Dotados de inteligência e grandes habilidades, mas desprovidos de compaixão, empatia e senso ético, o resultado é o que a história nos mostra.

Também sabemos que as almas humanas que aqui foram escaladas a viver, sobretudo dos últimos séculos, não evoluíram nas vidas de nosso planeta. Almas mais evoluídas começaram a encarnar aqui há alguns milênios e, mais recentemente, em maior quantidade, para auxiliar na evolução planetária.

Precisamos estudar um pouco os primórdios da alma humana, como forma de entendermos a necessidade de evolução e ajudar no despertar dos que ainda estão adormecidos.

O Homo Sapiens surgiu há aproximadamente 350 mil anos. Um pouco antes, há 400 mil anos, surgiram os Neandertais, uma espécie humana já extinta.

A história desta época está restrita à paleontologia, aos fósseis, de forma que não se sabe se Homo Sapiens e Neandertais chegaram a guerrear.

Contudo, é muito provável que sim. Os Neandertais foram extintos há 28 mil anos. A causa de tal extinção ficou restrita a conjecturas, já que os estudos fósseis não revelam muito.

As guerras entre as duas espécies podem ter sido a principal causa. Afinal, ambos estavam muito bem preparados e dotados pra sobreviverem e evoluírem no mundo.

A interação entre as duas espécies humanas pode ter impulsionado os primeiros passos do racismo, ou, no caso, do especismo. Os estudos científicos sugerem que Neandertais eram mais fortes e até mais inteligentes que os Sapiens.



O encontro das duas espécies ocorreu quando da migração dos Sapiens para a Europa, vindos da África. Entretanto, nesta ocasião, a população dos Neandertais já se encontrava em declínio, por outros fatores. Estudos recentes apontam que os Sapiens não foram os únicos responsáveis pela extinção dos Neandertais, mas podem ter acelerado o processo.

Na história recente da humanidade, esta com registros além da paleontologia, nos deparamos com o submundo de nossa existência, com nossas fraquezas e vergonhas. Sim, temos muito do que nos

envergonhar, e não apenas pelos malfeitos de nossos antepassados, mas também pelo que ainda somos capazes nos dias atuais.

A maior mancha na história evolucionária humana é a escravidão. Aqui não falamos ainda de racismo, pois este ganhou força muito depois.



Nos primórdios da humanidade, quando os homens não tinham ainda aprendido como romper grandes distâncias, antes das grandes navegações, as interações humanas estavam restritas a tribos vizinhas, o que nos leva a presumir que as interações humanas estivessem restritas a homens de mesma raça. Ali ainda não havia racismo, porque cada raça humana tinha acesso a homens iguais. As diferenças não estavam acessíveis.

Guerreavam por tudo, por território, por caça, por ganância (quando nem existia o dinheiro), por mulheres, ou pelo simples desejo de dominação e poder.

E quando uma tribo vencida uma guerra, os sobreviventes da tribo derrotada eram escravizados. Hoje não somos capazes de dimensionar a irracionalidade que levava homens e se julgarem no direito de aprisionar e escravizar seus semelhantes. Lembremos que ainda agimos assim em relação aos animais.

Durante um longo período as guerras e interações humanas estavam restritas aos continentes, ou a pequenas áreas de um continente. E essas guerras locais não tinham fim.

Não havia limites para a intolerância e selvageria humana.

Somente mais tarde, quando os homens passaram a dominar meios de transporte que lhes permitiam romper grandes distâncias, os navegadores passaram a encontrar homens diferentes. E este foi o momento em que o racismo se intensificou.

E se nossa evolução nos permite hoje sentir vergonha pelo que fizeram nossos antepassados, capazes de escravizar pela força, retirando de outros homens a liberdade, a terra, a família, os valores, a dignidade, impondo-lhes a escravidão e a humilhação, devíamos também reconsiderar o que ainda hoje somos capazes de impor aos animais.

Trabalho escravo ainda existe em tempos modernos. Em lugares nem tão remotos, por vezes, as autoridades encontram pessoas vivendo em condições análogas à escravidão. Ainda temos almas arcaicas vivendo entre nós.



Se ainda estamos distantes de um possível liberalismo natural, é porque ainda precisamos de rédeas, para que os mais fortes ou mais ricos não se sintam no direito de dominar e explorar. Portanto, resquícios daquele passado remoto e que tanto nos envergonha ainda estão presentes.

Foi a partir das religiões, que conceitos como alma passaram a ser considerados, quando então surgiram as mais mirabolantes teorias. No passado, defendia-se a tese de que nem todo corpo tinha uma alma, esta restrita aos homens superiores.

E a alma, ou a falta dela, foi o passaporte para autorizar o homem a ser cruel, covarde, insano.

Durante um período sombrio da humanidade, a teoria aceita era de que negros não tinham alma. E com isso, podiam ser explorados, escravizados, maltratados e até mortos, sem que isso fosse considerado pecado.

Essa mesma teoria ainda é usada nos dias atuais, em relação aos animais. Se não têm alma, estão os homens livres para explorá-los como coisas. Não sabem que o crime é o mesmo, e que o mandamento “não matarás” não se refere somente à vida humana.

“Pai, perdoa-lhes, pois eles não sabem o que fazem”



CAPÍTULO 12 – As atrocidades modernas

René Descartes, um cientista que seus compatriotas ainda idolatram, foi o autor de uma das teorias mais desumanas já existentes: A teoria do animal máquina.

Descartes fazia testes cruéis com os animais e afirmava que eles não sentiam dor ou medo, e que os ganidos e gritos durante os experimentos eram similares ao ranger das engrenagens de uma máquina.

Ainda temos seguidores de Descartes vivendo entre nós. Ainda existem biotérios espalhados pelo mundo, até mesmo em universidades públicas, onde atrocidades ainda acontecem, seja por falta de verbas, seja por falta de empatia, de compaixão, de escrúpulos ou de humanidade.

A escravidão humana teve fim, pelo menos oficialmente, há pouco mais de um século. O racismo, que nada mais é que um resquício desse período sombrio, ainda está presente em nossa sociedade, embora nenhuma alma humana hoje encarnada tenha convivido com escravos nesta vida.

A igualdade, que se espera seja vivenciada pelos homens dignos de viverem no mundo regenerado que se forma, só existirá quando formos capazes de compreender que somos parte de um organismo único chamado humanidade, e que precisamos crescer juntos. Nesse dia, nenhum homem se julgará melhor que os outros.

E aqui percebemos que, daqueles primórdios da alma, na vida de colônias de insetos, até os mais egoístas homens primitivos, notamos a evolução do ego. Contudo, a evolução atual nos conduz a uma “desindividualização”. A ascensão espiritual de que tanto se fala nada mais é do que um retorno ao coletivo.

E se estamos desenterrando nosso passado vergonhoso, precisamos lembrar um período triste que surgiu na França, na metade do Século XV, e que se espalhou e perdurou até o Século XVII.



Falamos aqui da “caça às bruxas”. O movimento se espalhou, ganhou força na Alemanha, Escandinávia, Inglaterra, Escócia e Suíça, e chegou, ainda que com menor força, na Polônia, Rússia, Finlândia, Islândia, Irlanda e Portugal.

Foi um movimento de perseguição religiosa e social, que punia bruxas que supostamente praticavam rituais. Entretanto, não eram bruxas que morriam nas fogueiras. Eram mulheres.

No século XVI, qualquer mulher corria o risco de morrer queimada. A palavra de um homem era soberana na acusação de bruxaria a uma mulher, o que tornava fácil se livrar de uma companheira indesejada ou desobediente.

Os motivos para essa acusação eram muitos. Mulheres que fossem muito bonitas, inteligentes, cultas, muito altas, muito baixas, que despertassem inveja ou cobiça, que usassem ervas medicinais, que gostassem de natureza, ou de animais, que fossem muito agitadas, ou muito quietas, que ousassem dizer não a um homem ou se rebelar contra seus algozes.

As bruxas podiam ser reconhecidas pelos mais variados e absurdos detalhes, e os castigos eram os piores. A fogueira era apenas um deles. Não havia limites para a barbárie e o sadismo.

Entretanto, todas aquelas bruxas que foram queimadas ou jogadas de penhascos eram apenas mulheres.



O sadismo de assistir à morte de uma bruxa, verdadeiro circo de horrores, era o mesmo de assistir gladiadores enfrentando feras nas arenas, espetáculo que sofreu mudanças, mas que ainda persiste nas touradas e rodeios.

A diferença entre o passado e o presente é que os gladiadores eram prisioneiros e ali estavam para serem mortos pelas feras que enfrentavam, enquanto os toureiros e peões de hoje são aplaudidos e o circo é armado para que ele, o homem, subjuguem o inimigo, que nem sequer queria estar ali.



Se os protagonistas mudaram, o público é o mesmo. Quem aplaude é tão primitivo quanto quem fere.



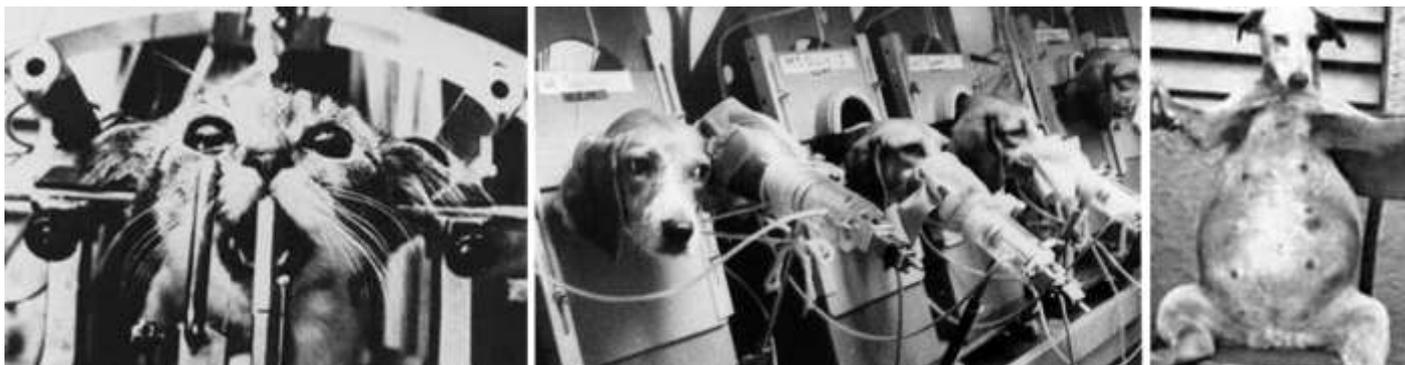
Conhecer essa parte da história é importante para entendermos que a alma recém-ascendida à condição de vida humana está totalmente desprovida de compaixão e empatia. É alma ainda bruta, necessitando ser trabalhada, lapidada.

E também nos mostra que muitas daquelas práticas antigas, e que hoje nos chocam, ainda estão presentes nos dias atuais, nas arenas de tourada e rodeio, nos frigoríficos, nas granjas, nas carroças, nas correntes, nas gaiolas, nos laboratórios, nos nossos pratos.



Dentre todas as atrocidades cometidas nos laboratórios do mundo, há um teste que supera a todos os outros em termos de insanidade e crueldade. LD 50 é a sigla que significa Lethal Dose 50 Percent (Dose letal 50%).

Consiste em expor 100 animais (Cães Beagles) à inalação permanente de produtos tóxicos. Os animais são monitorados e o teste termina quando 50% dos animais estão mortos. O tempo que demoram pra morrer vai determinar o grau de toxicidade daquele produto. Os que sobreviverem são eutanasiados em seguida.



Peles de animais ainda são extraídas com o animal vivo do início ao fim. Cães são afundados vivos em óleo fervente em um festival na China. Touros caem e morrem de exaustão durante as touradas, com incontáveis espadas em seu dorso. Animais de várias espécies passam a vida confinados, em intenso sofrimento, em prol de um aumento dos lucros com a engorda mais rápida.



O sadismo que leva alguns homens a agirem assim é o mesmo que estava presente durante cerimônias de morte às bruxas do século XVI.

Esse paralelo entre um passado quase selvagem da humanidade e os dias atuais pode ser uma forma de nos levar a reavaliar nossos hábitos, nossas crenças, nossos costumes.

A evolução espiritual, que fez surgir teorias e crenças que buscavam conter a fúria da alma humana, apenas iniciou um caminho evolutivo que viria a ser traçado por cada um, internamente.

E como a evolução espiritual é constante, podemos então entender que, muito embora tenhamos evoluído muito, inclusive com a chegada de almas superiores que aqui vieram pra auxiliar no crescimento planetário, temos entre nós almas recém-ascendidas, desprovidas de compaixão, capazes de matar, de ferir, de roubar, e até de aplaudir touradas, rodeios, domadores de feras, de serpentes, de aves de rapina.

Entre nós, vivem homens capazes de matar, de escravizar, de violentar, de subjugar outras vidas.

Se temos aprendido (Ainda é um longo caminho) que devemos amar ao próximo como a nós mesmos, falta-nos ainda entender quem é o próximo.

Nota do autor

Este ensaio não é uma obra científica. Todas as ideias aqui defendidas baseiam-se em observações, vivências e estudos, a partir da obra de Allan Kardec e de escritos de estudiosos e pensadores que vieram a partir dele.

A literatura e os estudos dos que vieram antes nos traz um norte, mas aqui tentamos avançar um pouco mais. Nada pode ser mais esclarecedor que a própria vida. Observar a vida foi o maior incentivo, pra tentar traduzir em texto o que minhas divagações me ensinaram.

Observar estágios evolutivos é um exercício diário, que nos ajuda a lidar melhor com as diferenças e compreender o outro, suas dificuldades e fraquezas, sem julgamentos. E se o propósito da vida é a evolução espiritual, não pode haver melhor escola que a observação das características e comportamentos de cada espécie.

E foi observando comportamentos padronizados nas diferentes espécies, que pudemos notar a diversidade existente dentro de uma única espécie animal (lobos). Claro que há algo instintivo e primitivo em todos os cães, mas definitivamente, eles não são todos iguais.

Chico Xavier sempre será fonte de inspiração para qualquer um que se atreva a estudar o espiritismo, e ainda mais para aqueles que amam a vida em suas mais diversificadas formas. Soma-se a tudo isso uma grande vontade de aprender e de observar a vida. Identificar estágios evolutivos nas mais diversas criaturas sempre foi meu passatempo, desde a infância.

E diante de tema que tanto me inspira e me atrai, me questiono porque não busquei formação em ciências biológicas. Tomei outros rumos, que talvez tenham sido caminhos para me permitir viver e experimentar a vida com tanta paixão.

A classificação biológica de animais e plantas é um bom ponto de partida, mas longe de fechar a questão. Lembremos ainda que tais classificações, que partem de organismos mais rudimentares para os mais complexos, partem de definições humanas e científicas. O paralelo com estágios espirituais é um grande exercício de observação.

Ao iniciarmos os estudos dos estágios espirituais no reino animal, iniciamos a partir dos insetos. Nem nos atrevemos a entender seres ainda mais primitivos, como vírus, bactérias e outros organismos, uni ou pluricelulares.

Não desejamos abrir discussão sobre os temas aqui trazidos, mesmo porque, não somos autoridade no assunto e não desejamos convencer ou doutrinar. Aqui buscamos transmitir conceitos formados a partir de observações e estudos pessoais, que, para alguns, podem trazer luz e inspiração.

Entender os caminhos da evolução espiritual é importante para nosso crescimento pessoal. Conhecendo as raízes de nossos sentimentos mais primitivos, encontraremos o estímulo pra evoluir e nos tornarmos melhores. Esse é o único e verdadeiro propósito da vida.

Crispim Zuim Neto